



**AFRICANTA, DE HUDSON RIBEIRO: TRAÇOS DE UMA
HERANÇA CULTURAL AFRICANA**

**AFRICANTA, BY HUDSON RIBEIRO: TRACES OF AN
AFRICAN CULTURAL HERITAGE**

Vitor Cei*

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

vitorcei@gmail.com

Wilson Coelho**

Centro Cultural Sesc Glória – SESC

wilsoncoelho@gmail.com

Hora de louvar mamãe África com todos os
sagrados cânticos
Ainda o dito sábio incontestado quem é filho
da mamãe África
Nunca, jamais se esquece ser a raiz e asas da
liberdade
Da árvore frondosa de matriz milenar
Louvar a mamãe África nos enobrece
E nos torna ágeis e fortes para lutar
Contra tudo o que passamos por todas
terríveis ocasiões
Em que nos ajoelhamos clamando por
deuses profanos
De peles alvas e narizes afinados exemplos
do grande engano
Provocador da nossa lancinante dor

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia.

** Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Assessor Técnico em Literatura do Centro Cultural SESC Glória.

Mas a nossa bela orquídea negra nunca
murchou ainda mais vicejou
Hudson Ribeiro – Africanta

Em **Africanta**: Ser Negro, de Hudson Ribeiro, a África canta por todos os cantos. É uma poesia escrita com todo o corpo, mas não se trata de um mero corpo composto de ossos, músculos e peles. É um corpo que se traduz a partir da pele como linguagem, como uma tentativa de tornar possível dizer o que aparentemente soa indizível.

Desde o primeiro poema, “Nas savanas africanas (Orí... Gens)”, considerando o título, Hudson Ribeiro já anuncia uma espécie de roteiro ou percurso de sua abordagem e de sua postura frente a questão do negro. Se entendermos que savana (também conhecida como *anhara* em Angola e como cerrado no Brasil) corresponde a uma vegetação composta por gramíneas e arbustos isolados ou em pequenos grupos, provavelmente já temos uma noção das alegorias que o poeta se utiliza para fazer emergir a condição do negro em nossa sociedade.

Ainda no primeiro poema, no subtítulo, “Orí... Gens”, um jogo de palavras que não é ingênuo, mas que se desdobra noutras reflexões, considerando que *Ori* – que literalmente significa cabeça – é um importante conceito metafísico espiritual e mitológico para os Yorubás, identificado no jogo do *merindilogun* pelo *odu ossá*, representado materialmente pelo *candomblé*, através do assentamento sagrado denominado *Igba Ori*. Por outro lado, o termo *Gens* (plural latino que quer dizer *gentes*) é, no sistema social romano, um grupo familiar patrilinear portanto o mesmo nome do pai. Independente de tantas outras aproximações que podemos fazer ao termo e, trazendo para uma interpretação mais próxima de nossa cultura cristã, *Gens* nos remete ao Gênesis ou o livro da criação.

A ênfase a esse poema se dá porque, na verdade, toda a obra é uma poesia épica dividida em subtítulos, ou seja, não há uma ruptura ou mudança de tema entre um poema e outro. “Hora de louvar mamãe África com todos os sagrados cânticos”², diz o poema que intitula o livro. Trata-se de um canto de guerra e louvor onde se manifestam várias tribos para afirmar a unidade de um povo. Uma denúncia pronunciada por um filho da África, identificado com a natureza (terra, água, fogo e ar), lutando por

² RIBEIRO, Hudson. **Africanta**: ser negro. Vitória - ES: Edição do autor, 2015, p. 63.

liberdade numa sociedade dividida em classes e que se sustenta de discursos dissimulados de igualdade dos povos e que, ao mesmo tempo, a aceitação do negro se dá quando este se submete ao projeto de embranquecimento. Assim, Hudson Ribeiro idealiza uma “Mãe África” como forma de se contrapor ao mito da democracia racial difundida pelo pensamento hegemônico brasileiro:

Eu e a mãe África somos um
Um que se perfaz múltiplo
E em nossa cumplicidade anunciada
Percorremos as rotas mais antigas
Para recolher cantigas
Com poder de curar
A mais terrível ferida
Que é viver sem se notar³

O poeta capixaba insere-se numa tradição literária afro-brasileira ainda em formação, composta por autores preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. Desse modo, busca o seu lugar no rol de poetas que se dedicam à recuperação da linguagens afro e do seu universo simbólico. Como um gesto de legítima defesa, ele faz questão de se declarar negro e afirmar em seu texto os valores inerentes à essa condição. Exemplar é o poema “Linhagem sagrada”:

Negros forjados em ébano
Somos nós entrelaçados
Com a nossa linhagem sagrada
Os nossos nomes usurpados
Não nos tirou as raízes
Em nós habitam soberanos
Reis e rainhas guerreiros
Das mais destemidas tribos
Somos nobres de berço vetusto
Das terras fartas de leões e leopardos
Onde os baobás bailam serenados
Emoldurando a paisagem
Como a declamar
A beleza da nossa raça
Estampada em nossa pele
Vozes de inúmeros povos
Clamam em nossas veias
E nos preservam solícitas
Valorizando nossa estirpe
Somos nós e além de nós
Pés religados às origens
Cabeças atentas às frestas

³ RIBEIRO, Hudson. **Africanta**: ser negro. Vitória - ES: Edição do autor, 2015, p. 37.

Do tempo
Para sacramentar as nossas matrizes⁴.

A nostalgia da ancestralidade africana e a tentativa de exaltação mitificadora da África atende a uma demanda por mais esforços pelo reconhecimento de sua possível especificidade literária e pela reivindicação de mais espaços para a divulgação e legitimação de autores e textos que muitas vezes são preteridos por causa da hegemonia de uma perspectiva eurocêntrica e racista. Sonhar com a África seria sua utopia, pois no Brasil que defende o padrão “cânone ocidental” não haveria espaço para o “filho da África” sonhar:

Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A enorme dor da trapaça
De trabalhar duro de graça
De sol a sol e de lua a lua
E mesmo com a mudança dos tempos
Para nós a luta contra a escravidão continua
Agora ainda mais necessária e renhida⁵

Em suma, **Africanta**: Ser Negro, de Hudson Ribeiro, é um grande poema épico que deve ser lido e ouvido ao som de um atabaque, como se fora o ritmo e a pulsação de um povo cuja ancestral raiz se sustenta do terreno baldio da liberdade. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana, a obra contrapõe-se ao discurso canônico, que se pretende universal através do apagamento das diferenças.

Por resgatar os traços de uma herança cultural africana e desvincular a língua portuguesa da tradição europeia, recomenda-se a inclusão de **Africanta** na bibliografia dos cursos de cultura afro-brasileira, atendendo à Lei Federal 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileiras e africanas em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Aos leitores que negam a existência de uma literatura afro-brasileira e apegam-se à defesa do “universal”, vale lembrar que a trajetória do polígrafo Hudson Ribeiro não permite que ele seja rotulado por força do assunto que elegeu para **Africanta**. Recusando toda rigidez programática, o escritor, que também é professor de filosofia, tem oferecido ao público um amálgama de teoria, poesia e ficção.

⁴ RIBEIRO, Hudson. **Africanta**: ser negro. Vitória - ES: Edição do autor, 2015, p. 62.

⁵ Ibid., p. 18.

O primeiro livro do autor, **Ideias com pernas**⁶, escrito em coautoria com Vitor Cei, é uma coletânea de ensaios filosóficos sobre pensamento grego, telenovelas, futebol e sexualidade, dentre outros temas. Após um hiato de quase uma década, veio **Lucidez Renitente**⁷, coletânea de estórias e memórias marcadas por licenciosidade poética, coloquialismo, espontaneidade, brevidade, urbanidade, força crítica do humor, poetização do relato cotidiano, anotação do momento político, libertação das repressões políticas e morais. Desditando, o escritor persegue um estilo próprio – estilo cunhado em seu primeiro e mais importante livro, **Além da margem**: desditando, que lamentavelmente permanece inédito.

Antecedendo **Africanta**, temos **Cem palavras** (Amazon, 2015), reunião de microcontos sobre Oberdan, Dorotheia, Leocádia, Tônico, Nonô, Micaela, Zeca, Jacira, Zenildo, Marimar, Eugenio, Zulmira, Jonildo, Agostinho, Augusto, Edina, Betinho, Walquíria, Roberto, Eleonora, Tina, Antoniel, Olinda e W., personagens que encenam a vida, transmutando-a em obra literária.

Africanta, assim como as obras anteriores, questiona os costumes e crenças dominantes, transgredindo os valores mais prezados pelas forças conservadoras. Por conseguinte, suscita a necessidade de elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, mantendo a fidelidade às utopias ainda não realizadas pelos negros brasileiros. Há, pois, na poesia do autor capixaba uma perspectiva crítica que não pode ser ignorada e, em sua esteira, um potencial reflexivo propício à construção de operadores teóricos com eficácia suficiente para ampliar a reflexão crítica sobre a herança africana na literatura brasileira.

RECEBIDO EM:03/03/2016

APROVADO EM:13/10/2016

⁶ HUDSON, Ribeiro; CEI, Vitor. *Ideias com pernas*. Vitória : Flor&Cultura, 2004.

⁷ HUDSON, Ribeiro. *Lucidez Renitente*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013